

História (São Paulo)

A Vida dos Padres do Jura e a subsistência dos monges de Condat

The Life of the Jura Fathers and the subsistence of the monks of Condat

Matheus Coutinho FIGUINHA

USP – Universidade de São Paulo

Contato: figuinha@yahoo.com

Resumo: *A Vida dos Padres do Jura*, escrita entre 512 e 515, conta a história do monastério de Condat sob o governo de três abades: Romano, Lupicino e Eugendo. Meu objetivo neste artigo é analisar o desenvolvimento material de Condat, prestando particular atenção aos meios de subsistência dos monges. Contrariamente ao que supõem os estudiosos acerca dos monastérios da Gália dos séculos IV e V, sugiro que Condat não era economicamente autônomo. Considero, em um primeiro momento, quais eram as despesas do monastério e, em um segundo momento, como os monges faziam para pagá-las.

Palavras-Chave: Monasticismo; *Vida dos Padres do Jura*; Subsistência.

Abstract: *The Life of the Jura Fathers*, written between 512 e 515, recounts the story of the monastery of Condat under the government of three abbots: Romanus, Lupicinus and Eugendus. My purpose in this article is to analyze the material development of Condat, paying particular attention to the monks' subsistence. Contrarily to what scholars suppose regarding monasteries in fourth- and fifth-century Gaul, I suggest that Condat was not economically autonomous. I consider, firstly, the monastery's maintenance expenses, and, secondly, how the monks paid them.

Keywords: Monasticism; *Life of the Jura Fathers*; Subsistence.

Por volta de 435, Romano, “atraído pela solidão do deserto [...], adentrou-se nas florestas do Jura vizinhas a sua *uilla*” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 5). Ele estabeleceu-se na confluência de dois rios, o Bienne e o Tacon, onde atualmente se encontra a cidade de Saint-Claude. Lupicino, seu irmão mais novo, juntou-se a ele algum tempo depois. A reputação dos irmãos era tão

grande que atraía um número cada vez maior de discípulos e visitantes. Foram construídos, assim, três mosteiros para acolhê-los: Condat (*Condadisco*), o primeiro e o mais importante; Laucone (*Lauconnus*) e La Balme (*Balma*).¹ Romano e Lupicino governavam-nos conjuntamente, embora o primeiro residisse em Condat e o segundo, em Laucone. Com a morte de Romano, ao redor de 460, Mináusio foi eleito abade de Condat.² Mas pouco tempo depois, por causa da ascese rigorosa e da fragilidade física, escolheu Eugendo para ajudá-lo nas tarefas do abaciato. Após a morte de Lupicino, ao redor de 480 (Mináusio já devia ter morrido), Eugendo passou a governar sozinho os três mosteiros. As *Vidas* de Romano, Lupicino e Eugendo, escritas por um autor anônimo entre 512 e 515 (MASAI, 1971, p. 56-57), compõem uma única obra, conhecida como a *Vida dos Padres do Jura*.

Como têm notado os estudiosos recentemente (DE VOGÜÉ, 2003, v. 8, p. 41), a *Vida dos Padres do Jura* é de fundamental importância para o estudo do monasticismo ocidental antes da composição da *Regra de São Bento*. Seu autor relata não só os feitos e milagres de Romano, Lupicino e Eugendo, mas também a história dos primeiros oitenta anos de Condat. De fato, o mosteiro é o principal elemento que une as *Vidas*. O anônimo, não por acaso, privilegia os feitos e milagres que, literalmente, construíram Condat e tornaram-no importante. Assim, nenhuma outra fonte do século IV ou V oferece tantos detalhes sobre o desenvolvimento material de um único mosteiro como a *Vida dos Padres do Jura*.

Meu objetivo neste artigo é analisar o desenvolvimento material de Condat, prestando particular atenção aos meios de subsistência dos monges. Os estudiosos tendem a considerar os mosteiros gálicos dos séculos IV e V como economicamente autônomos. Sua continuidade material teria dependido do trabalho manual dos monges ou da renda das propriedades de seus membros mais ricos (FONTAINE, 1967-1969, p. 677, 685, 991; PRICOCO, 1978, p. 119-120; QUACQUARELLI, 1982, p. 63; NOUAILHAT, 1988, p. 223-244). O estudo da *Vida dos Padres do Jura* permite-nos ter uma visão diferente da questão. Sugiro que Condat não era autossuficiente e que a subsistência dos monges dependia de diversas fontes de renda. Na primeira seção, investigo quais eram as despesas de manutenção do mosteiro. Procuo mostrar que tais despesas iam muito além do mínimo necessário para a subsistência. Na segunda e na terceira seções, examino como os monges faziam para pagá-las. De acordo com o anônimo, eles eram assíduos no trabalho manual, especialmente na agricultura. Proponho que o trabalho manual, contudo, não era suficiente para atender todas as suas necessidades materiais. O pedido de Lupicino de um auxílio material ao rei Chilperico é o indício mais claro de tal insuficiência. Finalmente, indico que os monges também contavam com as doações dos devotos.

As despesas dos monges de Condat

O anônimo oferece algumas notícias sobre o crescimento do número de monges e visitantes e sobre os consequentes trabalhos de construção necessários para hospedá-los. Os primeiros discípulos de Romano e Lupicino teriam sido dois jovens clérigos de Nyon, que teriam corrido graves riscos adentrando-se na floresta sem saber onde era a habitação dos irmãos (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 13). A partir de então, o número de discípulos cresceu progressivamente. Em um primeiro momento, o lugar em que Romano estabeleceu-se originalmente – ao pé do monte Bayard, sob a copa de um “abeto muito denso” e ao lado de uma fonte de água – tornou-se muito pequeno para abrigá-los. Assim,

eles estabeleceram-se não longe daquela árvore, sobre uma colina de leve inclinação, onde agora se encontra, em sua memória, o lugar da oração secreta; desbastaram e lixaram muito diligentemente a madeira, construíram habitações para si e prepararam outras para os que ainda estavam para chegar (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 13).

Com estas palavras o anônimo descreve os primeiros trabalhos de construção realizados pelos monges que se reuniam ao redor de Romano e Lupicino. As primeiras habitações de Condat teriam sido muito simples, feitas apenas de madeira, material abundante na floresta. Edward James (1981, p. 36-38) supõe, partindo da *Vida de Martinho* e da *Vida dos Padres do Jura*, que construções em madeira ou em outros materiais deterioráveis eram uma característica comum dos mosteiros da Gália dos séculos IV e V. Suponho que James esteja correto, mas, como no caso de Sulpício Severo (FONTAINE, 1967-1969, p. 667-672; DE VOGÜÉ, 1997, v. 4, p. 44; LORANS, 2012, p. 177-203), a descrição do anônimo deve ser tomada com cautela. Sob a catedral de Saint-Pierre, a antiga igreja abacial, as escavações conduzidas por Jean-Luc Mordefroid trouxeram à luz vestígios de um edifício galo-romano do século II.³ Até o momento os arqueólogos não conseguiram determinar qual era a natureza do edifício. Mas, em todo caso, parece que Romano e seus companheiros aproveitaram construções abandonadas para erigir o mosteiro: eles devem ter reformado edifícios antigos ou empregado seus materiais para construir novos. Condat, portanto, não devia ser inteiramente de madeira. A passagem que acabei de citar trata apenas da construção das celas, não de todo o mosteiro.

Por causa do rigor e da duração do inverno no Alto Jura, é difícil imaginar que Romano e seus primeiros discípulos tenham de fato se estabelecido sob a copa de um abeto. Como já notou Adalbert de Vogüé (2003, v. 8, p. 48), o anônimo menciona incidentalmente a “cabana comum” (*tugurium fraternum*) quando da chegada de Lupicino. A descrição da primeira habitação de Romano deriva da *Vida de Paulo*, escrita por Jerônimo, como o próprio anônimo deixa claro:

O novo hóspede, buscando um lugar conveniente para habitar, encontrou, na parte oriental, ao pé de um monte rochoso, um abeto muito denso, cujos ramos estendiam-se circularmente, e este abeto, com sua ampla copa, cobriu o discípulo de Paulo assim como a palmeira havia coberto o próprio Paulo (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 7).

Notemos, além disso, a semelhança das expressões (1) *repperit [...] sub radices axo simontis*, (2) *patulis diffusa comis* e (3) *fonsirriguus gelidissim affluenta praestabat*, da *Vida dos Padres do Jura* 7, com (1) *repperits axeum montem ad cuius radices*, (2) *patulis diffusa ramis* e (3) *fontem lucidissimum*, da *Vida de Paulo* 5 (MARTINE, 1968, p. 247).

De acordo com o anônimo, o número de monges continuou a crescer de tal modo que o primeiro alojamento logo se mostrou insuficiente. Alguns dos monges, assim, dispersaram-se “não só pelos lugares mais remotos da província dos Sequanos, mas também por territórios muito distantes, diferentes destas terras pelas amplas planícies” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 16). Sobre estes outros monastérios, o anônimo não dá qualquer informação. Não sabemos se eles mantiveram contato com Condat e qual era sua condição material. A fundação, mencionada por Gregório de Tours (1885, 1.2), de um monastério *intra Alamannia terminum*, geralmente identificado com Romainmôtier, deve-se provavelmente a esta primeira emigração de discípulos.

O anônimo conta que, a partir daquele momento, começou a chegar “um número extraordinário e inaudito de monges” e que, assim, apareceram as primeiras dificuldades para garantir sua subsistência (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 22). A solução encontrada foi estender os cultivos para outros lugares, onde foi então fundado Laucone. A fundação de um novo monastério, contudo, não foi suficiente para reduzir a concentração de monges em Condat, visto que novos convertidos chegavam “quotidianamente” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 27). Os problemas ocasionados pela falta de espaço aparecem na sugestão que um ancião deu a Romano de selecionar os monges bons e afugentar os maus. Nas palavras do anônimo, o argumento do ancião foi que, “Se bem observas, com solícita investigação, os nossos leitos e os locais de oração e o *xenodochium*, uma multidão indiscreta de monges, como indiquei, não deixa quase nenhum lugar para os que chegarão” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 28). Não sabemos quantos monges habitavam Condat, mas Laucone, quando Romano morreu, contava cento e cinquenta monges (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 24).

Os monges construíram também um monastério feminino, La Balme, onde atualmente se situa a cidade de Saint-Romain-de-Roche, a cerca de onze quilômetros de Saint-Claude. Para tanto, aproveitaram as vastas cavernas naturais da rocha sobre uma falésia. No terreno que, deste local, após um estreito corredor, abre-se para o Oriente, erigiram uma basílica para o ofício das monjas. O monastério, que era governado pela irmã de Romano e Lupicino, chegou a hospedar cento e cinco monjas, todas submetidas à clausura perpétua (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 25-26).

Mas, partindo do fato que Gregório de Tours ignorava a existência de La Balme, podemos supor que o monastério havia desaparecido no decorrer dos séculos V e VI. Martine (1968, p. 266-267) sugere que La Balme possa ter sido abandonado antes mesmo da composição da *Vida dos Padres do Jura*. Os motivos de seu abandono podem ter sido vários, mas não podemos excluir a hipótese de que os recursos para prover as necessidades materiais das monjas tenham se esgotado. Por causa da clausura perpétua, era responsabilidade dos monges obter tudo o que era necessário à manutenção de cento e cinco monjas. E, como sugiro nas páginas seguintes, os recursos, transcorridos os primeiros anos da fundação de Laucone, tornaram-se cada vez mais limitados.

Paralelamente aos numerosos discípulos, chegavam os visitantes, aos quais o monastério precisava fornecer comida e hospedagem. De acordo com o anônimo, a reputação de Romano e Lupicino, difundida *longe lateque*, atraía “multidões de fiéis”: alguns eram atraídos pela curiosidade, pois queriam ver “as maravilhas da instituição”, e outros traziam possuídos, loucos e paralíticos para que fossem curados pelas orações dos irmãos (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 14-15). Mais adiante o anônimo conta que, por causa dos milagres de Eugendo, os visitantes eram quase tão numerosos quanto os monges e podiam permanecer dias ou meses, até que recebessem a cura desejada (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 147). Tamanha afluência obrigava a construção não só de um *xenodochium* – que hospedava indistintamente monges e visitantes, como sugerem as palavras do ancião citadas acima – mas também de um hospital.⁴

O anônimo afirma que um incêndio, quando do abaciato de Eugendo, destruiu todo o monastério de Condat. Contando o episódio, todavia, ele menciona a destruição e a reconstrução apenas do *xenodochium*. O edifício, construído em madeira havia muito tempo, reunia as celas dos monges, uma ao lado da outra, no primeiro andar, e salas (*cenacula*) no segundo (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 162-163).⁵ O anônimo não indica qual era a função destas salas, mas podemos supor que fossem usadas para hospedar os visitantes. Após o incêndio, Eugendo construiu um dormitório comum, também chamado *xenodochium*. Na sua narrativa, de fato, o anônimo não menciona a destruição e a reconstrução da igreja (*oratorium*), da sacristia (*secretarium*), situada à direita da mesma, do átrio (*atrium, uestibulum*), certamente pertencente à igreja, da dispensa (*cellariolum*), do celeiro (*spicarium*), da *aedicula* onde os monges comiam e da cozinha, mesmo acenando a estas estruturas em diversos momentos (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 64, 65, 68, 69, 72, 75, 79, 90, 130, 131, 135, 166, 170, 177). Isto porque o incêndio deve ter destruído apenas o *xenodochium*. O anônimo precisa que o incêndio iniciou-se *inminente uespera*, de modo que pode ter sido provocado por uma lâmpada ou uma salamandra acesa depois que os monges retiraram-se em suas celas.

Com exceção do *xenodochium* destruído pelo incêndio, o anônimo não indica os materiais e as dimensões dos edifícios de Condat. Mas podemos deduzir que a igreja, em particular, não era

pequena, já que precisava acolher todos os monges para as orações quotidianas e as celebrações e, provavelmente, os visitantes. Parece-me muito improvável que um edifício com dimensões consideráveis, que comportava, à direita, uma sacristia e, à frente, um átrio, fosse inteiramente construído de madeira. Ao menos este complexo deve ter sido construído com o material de construções abandonadas que se encontravam no local antes da chegada de Romano. E não deve ser descartada a possibilidade que os monges tenham também comprado parte do material necessário.

Em Condat, os monges podiam receber uma educação completa. O anônimo relata que o pai de Eugendo, tendo percebido que devia destinar o filho, então com seis anos, à vida religiosa, começou a ensinar-lhe os rudimentos das letras e, após um ano, ofereceu-o como oblato a Romano (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 125). Uma vez no monastério, Eugendo realizava o que o abade ou o preposto impunha-lhe e, durante o tempo que lhe restava, dedicava-se à leitura. O anônimo afirma que ele, “além das obras latinas, foi instruído na eloquência grega” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 126). Martine (1968, p. 374-375) mostra-se um pouco cético com relação à possibilidade que Eugendo tenha aprendido o grego em Condat. Romano e Lupicino, todavia, que eram de uma família aristocrática (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 4) e que, assim, haviam recebido uma educação refinada, podem ter lhe ensinado o grego.⁶

Mas, independentemente do fato de Eugendo ter aprendido o grego ou não, as palavras do anônimo permitem-nos conjecturar a existência de uma escola ou um *scriptorium* em Condat. Roberto Alciati (2009, p. 138) sugere que Romano, ao fundar Condat, foi influenciado pelo monastério da Île-Barbe, em Lyon, onde esteve por um período antes de instalar-se no Jura. O monastério da Île-Barbe, de acordo com Alciati (2009, p. 136), possuía uma biblioteca e um *scriptorium*. O alto valor espiritual atribuído pelos Padres do Jura à leitura aparece desde o início da *Vida*: Romano, quando se retirou na floresta, levou consigo “os livros da *Vida dos santos Padres* e as exímias *Instituições dos abades*” e dedicava-se à leitura, à oração e, entre uma e outra, ao trabalho manual (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 10-11). Eugendo, por sua vez, chegava ao ponto de esquecer a comida diante de si, como em um estado de êxtase, por causa das leituras feitas durante as refeições (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 169). Não por acaso foi ele quem introduziu em Condat a leitura comum durante as refeições (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 169). Segundo o anônimo, Eugendo também escrevia cartas a personagens importantes (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 139, 145), bispos e padres (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 140), além de bênçãos (VIDA DOS PADRES DO JURA, 139, 143-144, 148). Para que pudesse ler em latim e grego e escrever cartas a aristocratas e clérigos – cartas que, considerando os destinatários, deviam seguir determinadas normas estilísticas e retóricas –, Eugendo precisou passar por uma espécie de escola e podia contar com uma rica biblioteca. Mas a formação de uma biblioteca requeria grandes somas de dinheiro (WILLIAMS, 2006, p. 133-147,

174-175).

Em minha opinião, os vastos conhecimentos do anônimo são o mais forte indício de que havia em Condat uma escola ou um *scriptorium* e uma biblioteca importante. Ele, como Eugendo, entrou no monastério ainda criança e lá recebeu sua formação. Martine sintetiza muito bem o que ele, através da *Vida dos Padres do Jura*, permite-nos saber de seus conhecimentos:

Trata-se de um espírito cultivado, não privo de talento. Ele possui ao menos rudimentos de grego e pretende-se um conhecedor de etimologia; ele sabe muito bem a língua latina, permite-se algumas liberdades morfológicas ou sintáticas, mas varia à vontade seu vocabulário, escolhe cuidadosamente o termo justo com um gosto marcado pela palavra rara. Ele tem familiaridade não só com a Bíblia, de onde tira mais frequentemente alusões e citações textuais, mas também com a literatura monástica, em particular a *Vida de Antônio* e as outras *Vidas dos Padres*, a *História dos monges no Egito*, traduzida por Rufino, as obras de Cassiano e, naturalmente, a *Vida de Martinho*, de Sulpício Severo. Ele cita uma passagem precisa da *História da Igreja*, traduzida e completada por Rufino, e acrescenta um detalhe exato. Ele conhece uma coleção de decretais e interpreta corretamente aquele escrito por São Leão a propósito do bispo Celidônio de Besançon, cujo documento, todavia, não indica a sede. Preocupado com originalidade, indica raramente seus predecessores, mas numerosas reminiscências das suas leituras aparecem sob sua pena. Seu estilo é frequentemente refinado, precioso e, sem jamais esquecer os fins espirituais de sua obra, satisfaz-se de seu ofício de escritor e da aplicação dos procedimentos (MARTINE, 1968, p. 52-53).

Às reminiscências das leituras do anônimo, podemos acrescentar *O governo de Deus*, de Salviano de Marselha (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 94), e a *Vida de Hilário* (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 18-19).

É muito provável que o anônimo tenha sido Vivenciolo, padre do monastério de Condat, bispo de Lyon a partir de 515 e um dos correspondentes de Ávito, bispo de Vienne.⁷ Na primeira carta a Vivenciolo, Ávito elogia sua “solicitude, instrução e doutrina” (1883, Epístola 19), enquanto que, na segunda, responde à acusação de que, em um sermão, cometeu um erro contra as regras gramaticais, falando como se fosse longa a segunda sílaba de *potitur* (1883, Epístola 57). O autor da *Vida dos Padres do Jura*, portanto, detinha amplos conhecimentos dos textos clássicos e da literatura cristã e era bem informado sobre as questões político-eclesiásticas de seu tempo.

Os monges de Condat consumiam uma única refeição ao dia, mas parece que os encarregados dos trabalhos mais pesados pudessem consumir duas, pelo menos no verão (MARTINE, 1968, p. 381). Segundo o anônimo, a dieta era essencialmente vegetariana (constituída por verduras e grãos), exceto pelos ovos e pelo leite, permitido aos doentes. Os monges consumiam também azeite, vinho e mel (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 38, 66, 75, 116). Azeite era necessário ainda para acender as lâmpadas (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 170). Mesmo se dedicados ao cultivo e à criação de animais, os monges deviam necessariamente comprar azeite,

pois era impossível produzi-lo no Jura,⁸ e, muito provavelmente, vinho. É verdade que Plínio, em sua *História natural* (1958, 14.3.18), menciona a produção de vinho na Sequânia, mas como acontece atualmente, ela devia ser limitada às zonas mais baixas. Saint-Claude, ao menos hoje, não faz parte dos territórios produtores de vinho do Jura.

A maior parte destes produtos devia ser facilmente encontrada na vizinhança de Condat. De fato, o “deserto” que Romano escolheu para viver não era um lugar isolado, como afirma o anônimo. A região era cortada por vias de comunicação tanto na direção norte-sul quanto na direção leste-oeste.⁹ E monumentos antigos, *uillae* e outros tipos de habitação encontravam-se a pouca distância um do outro.¹⁰ Além da existência de estruturas abandonadas, a proximidade a vias de comunicação certamente influenciou a escolha de Romano e assegurou sua sobrevivência no local. Mas o anônimo relata que Eugendo, no início de seu abaciato, enviou alguns monges às margens do Mediterrâneo para comprar sal, pois os alamanos, que atacavam os viajantes, tornavam pouco segura a viagem a *Aeriensium*, para onde estavam habituados a ir até então. A salina à qual se refere o anônimo situa-se a cerca de sessenta quilômetros de Saint-Claude, na atual Salins-les-Bains, vizinha a Pont-d’Hiry, cujo nome deriva de *Aerensium*.

Este episódio indica que os monges dependiam, ao menos com relação a alguns produtos, de mercados locais, que eles dispunham de boas informações sobre as condições de viagem e que o dinheiro, o esforço e o tempo necessários para adquirir sal do Mediterrâneo compensavam os riscos de uma viagem a *Aeriensium*. O anônimo menciona apenas duas outras viagens: uma de Romano e um companheiro a Acauno, para visitar o santuário de São Maurício (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 44-50), e outra, que durou dois anos, de dois monges a Roma. Mas o anônimo também afirma que Romano e Lupicino, por causa das obras de misericórdia, eram obrigados a sair frequentemente do monastério (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 126) e que Lupicino foi algumas vezes à corte de Chilperico para interceder a favor de fiéis e necessitados (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 63). Os monges de Condat, portanto, especialmente Romano e Lupicino, deviam estar constantemente viajando. Tanto é que Romano curou um paralítico na paróquia de Poncin, a cerca de cinquenta quilômetros de Saint-Claude (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 43), e Eugendo foi recriminado por ter enviado os monges para adquirir sal no Mediterrâneo porque outros, que haviam ido contemporaneamente a um local próximo a *Aeriensium*, já haviam retornado sãos e salvos (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 158).

Os monges de Condat e Laucone, portanto, precisavam obter alimentos não só para si mesmos, mas também para um grande número de visitantes e para cento e cinco monjas. Mas precisavam dispor de dinheiro, seja para formar e manter uma rica biblioteca, seja para pagar as viagens e os produtos que não podiam cultivar na região. É possível que também tenham precisado de dinheiro para construir alguns edifícios do monastério. O anônimo, na *Vida dos Padres do Jura*,

queria mostrar que a subsistência dos mosteiros fundados por Romano e Lupicino dependia apenas do trabalho manual, especialmente da agricultura. As despesas, contudo, não se limitavam a uma alimentação de subsistência, mas eram diversas e grandes. E, como sugiro a seguir, mesmo tendo os monges feito o possível para maximizar seu trabalho, as colheitas, pelo menos transcorridos alguns anos da fundação de Laucone, tornaram-se insuficientes.

O trabalho manual e a sua produtividade

A prática do trabalho manual aparece pela primeira vez no início da *Vida*, logo após Romano ter se retirado nas florestas do Jura. Ele levou consigo algumas sementes e uma enxada e instalou-se em uma pequena planície que lhe parecia adequada à agricultura (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 6). O anônimo sugere que Romano, assim, vivia de acordo com “as instituições monásticas”: trabalhava para suprir-se de alimentos, orava incessantemente, doava o excedente aos pobres e permanecia em isolamento (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 10). Neste período, Romano também se nutria dos frutos ácidos fornecidos por arbustos silvestres (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 8).

O anônimo trata novamente do trabalho manual – em particular, do cultivo dos campos – referindo-se a um momento em que o mosteiro já era povoado “por um número extraordinário e inaudito de monges” e recebia muitos visitantes:

A cultura deste lugar havia languescido, já que, pendente sobre as colinas e apoiada sobre as superfícies inclinadas entre as rochas proeminentes e as montanhas, era prejudicada pelo frequente deslizamento dos solos rochosos, e era pequena e difícil não só por causa dos terrenos inadequados, mas também por causa das colheitas de resultado incerto. De fato, se durante o rigor do inverno o local é não só coberto, mas também sepultado pela neve, durante a primavera, o verão e o outono, ao contrário, ou o calor queima tudo com o vapor das rochas vizinhas ou as chuvas intoleráveis levam com suas torrentes não só a terra arada, mas frequentemente também a terra inculca e dura, junto com a relva, as árvores e os arbustos; e a própria gleba, com as rochas deixadas nuas, é subtraída aos monges e levada pelas águas (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 22-23).

Os monges, assim, buscaram uma solução:

Os santíssimos Padres, portanto, desejando evitar esta situação de alguma forma, cortaram e removeram os abetos nas florestas vizinhas, não desprovidas de planícies e terrenos férteis, e prepararam os prados com foices e os campos com arados, de modo que os lugares convenientes ao cultivo abrandaram as restrições dos monges de Condat (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 24).

Estes novos lugares, onde, àquela ocasião, foi fundado o mosteiro de Laucone, situam-se ao redor

da atual cidade de Saint-Lupicin, distante cerca de seis quilômetros de Saint-Claude.

O fato de o cultivo ter sido inicialmente realizado em terrenos inadequados não indica que os monges não conheçam as técnicas agrícolas. Pelo contrário. Romano soube escolher um local ideal – plano e próximo a uma fonte de água – para suas pequenas plantações, necessárias apenas para o próprio consumo. Ele obviamente não considerou o local para as amplas plantações que pouco a pouco se tornaram necessárias. Aconteceu que, com o crescimento constante do número de pessoas para alimentar, os monges ampliaram proporcionalmente as primeiras plantações de Romano até que não puderam mais. E, quando necessário, souberam escolher terrenos mais adequados para estender as plantações nos arredores de Condat. A fundação de Laucone indubitavelmente fazia parte deste projeto, sendo devida não só ao crescimento do número de monges, mas também à tentativa de possibilitar o cultivo em um local distante. A escolha de novos terrenos para as plantações e a precisa descrição da geografia na *Vida*, descrição inesperada para um hagiógrafo do período (MARTINE, 1968, p. 264), revelam que os monges do Jura tinham um conhecimento profundo do solo e do clima ao redor de Condat.

O anônimo conta ainda que, por causa de uma fartura inusual das colheitas, alguns monges de Condat começaram a comer mais de quanto era permitido (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 35-40). O evento ocorreu logo após a fundação de Laucone, já que, como precisa o anônimo, “as pequenas culturas” ainda eram novas (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 36). A fartura de alimentos, contudo, foi uma situação ocasional. Caso contrário, Lupicino e os monges, pouco tempo após a morte de Romano, não teriam sentido a ameaça de uma iminente escassez de comida e o abade não teria tido a necessidade de pedir um subsídio ao rei Chilperico (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 92-95; GREGÓRIO, 1885, 1.5). Mesmo que as plantações de Laucone tenham garantido uma fartura imediata, os monges, transcorridos os primeiros anos, tiveram que sobreviver com recursos progressivamente mais limitados. O anônimo não menciona a extensão das plantações, mas é certo que as colheitas, durante o abaciato de Lupicino, tornaram-se insuficientes para o número sempre crescente de monges e visitantes.

Os monges também tinham bons conhecimentos de arquitetura e engenharia. Além dos próprios monastérios, eles construíram, no vale que desce de Condat para o sul, às margens do rio Tacon, um moinho hidráulico e martelos basculantes, acionados por uma roda hidráulica (*pisae*).¹¹ O funcionamento destes equipamentos era confiado a um único monge, que, mesmo tendo a cela (*tuguriolum, cellula*) no próprio moinho, era obrigado a participar das orações diurnas e noturnas. O anônimo narra os trabalhos que certo Sabiniano realizou para melhorar o funcionamento do moinho:

São Sabiniano, quando quis, certo dia, tendo pedido a ajuda dos irmãos, elevar o

mais diligentemente o leito do canal através do qual a água era conduzida aos moinhos, para acelerar o giro da roda, fixou duas fileiras de pilões e, como é costume, entrelaçou vime entre eles e encheu o espaço com uma mistura de palha e pedra (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 57).

Os monges de Condat construíram também um sistema de tubos de madeira para conduzir até o monastério a água da fonte ao lado da árvore sob a qual Romano havia inicialmente morado (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 7).

A elevação do leito do canal e a construção do moinho, dos martelos hidráulicos e do sistema de tubos exigiam uma série de conhecimentos que, como indicam estas próprias obras, os monges empregavam para maximizar seu trabalho. O objetivo da elevação do leito do canal era aumentar a velocidade da roda do moinho para diminuir o tempo de operações durante o processo de moedura. Mas a introdução do moinho e dos martelos hidráulicos já havia economizado tempo e mão de obra.¹²

O anônimo, a propósito de certo Dativo, escreve que “a graça havia divinamente o adornado com grandes dotes em todos os artifícios” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 87). O sentido de artifício (*artificium*), porém, não é claro.¹³ A *Regra de Macário*, escrita em Lérins por volta de 490 (DE VOGÜÉ, 1982, v. 1, p. 287-371), emprega a palavra com o mesmo sentido da *Vida dos Padres do Jura*: “Foi também necessário acrescentar isto: que ninguém faça um artifício no monastério, a não ser aquele cuja fé tiver sido provada, e que faça somente aquilo que poderá fazer para a utilidade e a necessidade do monastério” (REGRA DE MACÁRIO, 1982, 30.1-4). Em ambos os casos, não é claro se *artificium* refere-se a um trabalho artesanal especializado ou, mais em geral, a um trabalho manual. Sugiro que uma solução deva ser buscada na primeira carta de Ávito a Vivenciolo, do qual já falei. Vivenciolo havia ido a Lyon visitar um monge doente e, àquela ocasião, havia enviado a Ávito uma cadeira (*sella*) feita em Condat. Referindo-se à cadeira, o bispo diz que, com “certa elegância”, atraíam-se “os desejos dos homens” para visitar o monastério (ÁVITO, 1883, *Epístola* 19). Estas palavras deixam claro que alguns monges de Condat praticavam trabalhos artesanais especializados, que, como a carpintaria, requeriam uma série de técnicas para transformar matérias-primas em objetos e utensílios.¹⁴ Esta é a chave para entendermos o sentido de *artificium* na *Vida dos Padres do Jura* e na *Regra de Macário*. Produtos artesanais certamente satisfaziam algumas das necessidades cotidianas do monastério. A pergunta que emerge é se os monges vendiam-nos aos visitantes. Nos textos do monasticismo oriental tidos em grande estima em Condat, particularmente a *Regra de Pacômio* e os escritos de João Cassiano (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 174), a venda do que se produzia no monastério para que se pudesse adquirir o necessário à subsistência aparece como uma prática bastante comum e mesmo recomendada aos monges. Mas não existem indícios diretos de que, em Condat, se fazia o mesmo.

Os monges, enfim, criavam animais. A menção do anônimo ao consumo de leite e ovos (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 66) sugere a criação de bovinos e galináceos. Bovinos, de fato, além de produzirem leite, eram muito importantes para a agricultura, pois facilitavam a aração dos campos e forneciam esterco. Uma passagem em que o anônimo conta que Lupicino estendeu peles de carneiro no chão para deitar-se (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 74) e outra em que afirma que até mesmo os fios de lã eram apresentados em comum (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 173) indicam que os monges também criavam ovinos.

Doações aos monges de Condat

De acordo com o anônimo, Lupicino, entre 463 e 469, mais provavelmente em 467 (FAVROD, 1997, p. 120), dirigiu-se à corte de Chilperico, rei dos burgúndios e patrício das Gálias, “homem de raro engenho e de uma extraordinária bondade” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 93), para defender a causa de alguns pobres. Para justificar a ida do abade à corte burgúndia, o anônimo esclarece que o direito público havia passado ao poder real (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 92). Os pobres em questão, de acordo com a narrativa, haviam sido submetidos, por um aristocrata galo-romano, ao “jugo de uma ilícita escravidão”.¹⁵ O “nefário opressor”, presente na sessão e “inflamado pelo furor da ira”, tentou desacreditar Lupicino:

“Não és tu aquele impostor”, disse, “entre nós há muito tempo, que, cerca de dez anos atrás, injuriando arrogantemente o poder do Império romano, declarava que a destruição desta terra e de nossos antepassados era iminente? Por que então, pergunto-te, previsões tão terríveis não foram confirmadas por nenhum triste evento? Explica-nos, falso profeta!” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 93).

Lupicino, estendendo a mão na direção de Chilperico, respondeu:

“Eis”, disse, “pérfido e perverso! Sobre a ira que eu previa para ti e teus semelhantes, escuta! Não percebes, degenerado e miserável, que direito e justiça estão distorcidos, que, por causa dos pecados que cometem tu e os teus, isto é, as frequentes exações aos inocentes, os fasces unidos por correias púrpuras cedem a um juiz vestido com peles? Retoma um pouco os sentidos, enfim, e vê se um novo hóspede, com um inesperado desdém pelo direito, não reivindicava e presume como suas tuas *uillae* e tuas terras. Estas coisas, todavia, não contesto que as conheças e entendas, assim como não nego que tu, atirando-me um gancho bicípite, tenhas decidido infamar minha humilde pessoa, para fazer-me tímido diante do rei ou temeroso do resultado” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 94-95).

O rei, fascinado pela audaz sinceridade (*ueritatis audacia*) de Lupicino, confirmou que os eventos, por meio do juízo divino, haviam de fato acontecido como ele havia previsto. E, assim,

“com uma sentença promulgada pela autoridade real, restituiu os livres à liberdade e, honradamente, deu a permissão ao servo de Cristo de retornar, tendo lhe oferecido presentes por causa da necessidade dos irmãos e do monastério” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 95).

Gregório de Tours, em sua *Vida dos Padres*, também descreve uma visita de Lupicino à corte de Chilperico. A narrativa do bispo, porém, é bem diferente da do anônimo. Assim que o abade chegou aos portões do palácio, o trono foi sacudido. O rei, que estava em um banquete, pensou ter havido um tremor de terra, mas os convivas disseram não ter sentido nada. Chilperico, assim, temeroso que alguém quisesse tomar seu reino, ordenou aos mesmos que indagassem quem estava no portão. Eles encontraram um idoso vestido com peles e referiram o fato ao rei, que disse querer vê-lo. Chilperico pediu então ao abade que se apresentasse e esclarecesse o motivo de sua visita. Lupicino respondeu-lhe: “Sou pai das ovelhas do Senhor, as quais ele nutre com alimentos espirituais através da administração da disciplina, mas, às vezes, faltam-lhes os alimentos do corpo. Por isto, pedimos a Sua Potência que lhes dê algo para comer e vestir” (GREGÓRIO, 1885, 1.5). O rei ofereceu campos e vinhas para prover os monges do necessário, mas Lupicino recusou, dizendo que não lhes convinha possuir riquezas. O abade pediu ao rei que lhes fornecesse, ao invés das propriedades, uma parte de seus rendimentos. Chilperico, assim, “deu-lhes a prescrição que todos os anos recebessem trezentos *modii* de frumento, a mesma medida de vinho e cem áureos para comprar roupas aos irmãos. Até hoje o fisco entrega-lhes este mesmo rendimento” (GREGÓRIO, 1885, 1.5).

Os estudiosos, com razão, consideram a *Vida dos Padres do Jura* mais confiável do que a *Vida dos Padres* (DUCHESNE, 1898, p. 12-16; MARTINE, 1968, p. 81-83; MOYSE, 1973, p. 56). O anônimo, tendo vivido em Condat entre o fim do século V e o início do século VI, tinha condições muito mais favoráveis do que Gregório para escrever sobre os Padres do monastério, pois pôde contar não só com o conhecimento profundo da geografia local, mas também com o que testemunhou e o que ouviu dos anciãos e de Eugendo, seu confidente (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 4, 42, 70, 78, 133). Além do fato de que a *Vida dos Padres* foi escrita cerca de sessenta anos após a *Vida dos Padres do Jura*, o bispo de Tours ignora muitos detalhes e comete graves erros: as notícias geográficas são problemáticas; Lupicino aparece como o irmão mais velho e como o único abade dos monastérios do Jura; Lupicino e Romano teriam se retirado juntos na floresta após a morte de seus pais; e Romano teria sido sepultado em um pequeno monte, a dez milhas de Condat. Gregório, claramente, não conhecia a *Vida dos Padres do Jura*. Contudo, a partir de algumas analogias entre ambas as obras, Martine (1968, p. 72-73) sugere que a *Vida dos Padres* possa depender de um texto antigo e muito fragmentado, do qual pode derivar também parte da *Vida dos Padres do Jura*.¹⁶ A narrativa de Gregório, portanto, tem muito provavelmente um núcleo histórico, e o fato de Chilperico ter concedido um auxílio material aos monges de Condat não deve ser descartado.

Lupicino precisou pedir um subsídio ao rei porque os recursos dos mosteiros do Jura, poucos anos após a morte de Romano, já eram insuficientes.¹⁷ De fato, o anônimo relata que, uma vez, “a enorme congregação e a multidão de seculares que a frequentava” foram ameaçadas por uma “imminente penúria”. O ecônomo, atormentado, informou Lupicino que os grãos acabariam em apenas quinze dias, embora a próxima colheita fosse em três meses. O abade, “intrepidamente confiante no Senhor”, entrou no celeiro, rezou e, em seguida, ordenou que se batessem os grãos restantes. Mas, nas palavras do anônimo, “eles jamais teriam podido vencer, batendo, aquela reserva, se, com a chegada dos grãos da nova ceifa, tendo o ciclo dos campos se renovado, a mesma bênção não tivesse misturado os novos aos antigos” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 68-70). Porém, o que o anônimo conta como sendo um milagre de Lupicino pode ter sido, na verdade, seu sucesso na corte burgúndia. Tendo recebido um rendimento do rei, ele teria conseguido salvar os mosteiros da penúria.

O anônimo transformou o subsídio de Chilperico aos mosteiros do Jura em um presente em reconhecimento da santidade de Lupicino por um motivo muito claro. O eremita João e o monge Armentário, que viviam ao redor do santuário de Maurício, em Acauno, haviam pedido ao anônimo que escrevesse a *Vida dos Padres do Jura* (1968, prefácio 1-2).¹⁸ Ele, assim, aproveitou a ocasião para mostrar-lhes, entre outras coisas,¹⁹ como deveria ser a vida monástica (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 4). Não por acaso a obra é intitulada, nos manuscritos, *Vita uel regula sanctorum patrum Romani Lupicini et Eugendi monasteriorum Iurensium abbatum*. Defensor das instituições de Basílio, Pacômio, Cassiano e Lérins (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 174), o anônimo representa os mosteiros do Jura como autossuficientes, pois os monges teriam contado somente com o trabalho das próprias mãos para obter o que necessitavam.²⁰ Com a narrativa da visita de Lupicino a Chilperico, especificamente, o anônimo queria não só mostrar que o abade era um defensor dos pobres contra as injustiças dos grandes proprietários, mas também elogiar o rei e, indiretamente, seus sucessores, que haviam permitido e ainda permitiam a continuidade material dos mosteiros do Jura. Como observa Amory (1994, p. 10), Lupicino, ao interceder pelos pobres, posiciona-se do lado da lei romana e Chilperico, julgando a seu favor, apresenta-se como um juiz imparcial, um verdadeiro *patricius* romano. O único personagem que age como um bárbaro na narrativa é o aristocrata galo-romano.

O subsídio de Chilperico não foi a única omissão do anônimo. De fato, ele omitiu tudo aquilo que não se adequava a seus objetivos. Sabemos, por exemplo, que o antecessor de Eugendo foi Mináusio, cujo nome aparece apenas no catálogo abacial de Condat.²¹ O anônimo excluiu Mináusio da *Vida* porque queria elogiar Eugendo, seu mentor, apresentando-o como discípulo, herdeiro espiritual e sucessor direto dos Padres fundadores.

É muito provável que os monges do Jura contassem não só com o subsídio dos reis

burgúndios, mas também com as doações dos visitantes. O anônimo afirma que os monges não aceitavam pagamentos pelas curas que operavam (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 114). Mas os devotos que peregrinavam aos monastérios, nem sempre levando doentes, certamente contribuía com pequenas doações. Os ricos aristocratas que os abades conheciam, por sua vez, deviam fazer doações mais significativas. Sidônio Apolinário afirma que Domnulo, que havia sido *quaestor sacripalatii* durante o governo de Majoriano, hospedava-se frequentemente nos monastérios do Jura (SIDÔNIO APOLINÁRIO, 2003, Epístola 4.25.5). O anônimo também relata a intercessão de Lupicino a favor do *inlustris* Agripino, injustamente acusado de traição (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 96-110), e o milagre de Eugendo em benefício de Siágria, que pertencia a uma das mais importantes famílias da Gália (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 145-146). Siágria é apresentada na *Vida* nestes termos: “Siágria, uma vez mãe de família, agora também mãe de igrejas e monastérios através de suas doações” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 145). O anônimo, contudo, querendo mostrar os monastérios do Jura como autossuficientes, omitiu as contribuições materiais que Agripino, Siágria e outros podem ter feito, limitando-se, em sua narrativa, aos milagres de Lupicino e Eugendo. De qualquer modo, as doações dos visitantes não deviam ser suficientes para cobrir todas as despesas dos monastérios. Caso contrário, Lupicino não teria sentido a necessidade de pedir um auxílio material a Chilperico.

O anônimo conta, enfim, que Eugendo suportou o mencionado incêndio de Condat “com tanta paciência e serenidade que logo a divina Providência restituiu-lhe, para a comida e as roupas, o dobro de cada coisa” (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 162). De onde provinham tais recursos? Apenas hipóteses são possíveis, já que o anônimo omitiu todos os detalhes. Podemos supor que os visitantes, especialmente os ricos devotos com os quais os abades mantinham contato, comoveram-se com a situação e passaram a doar mais abundantemente ao monastério. Mas o fato de Eugendo ter recebido o dobro de quanto dispunha antes me parece, em todo caso, duvidoso. O anônimo baseou-se claramente no exemplo de Jó, que, tendo demonstrado enorme paciência na perda de seus bens, foi recompensado por Deus com o dobro (MARTINE, 1968, p. 413). O anônimo teria querido demonstrar a santidade de Eugendo equiparando-o a Jó. É possível, assim, que tenha inventado o fato.

Conclusões gerais

Diferentemente de quanto supõem os estudiosos acerca dos monastérios gálicos dos séculos IV e V, Condat não era economicamente autônomo. As despesas dos monges iam muito além do necessário para o próprio sustento. Eles precisavam obter alimentos não só para si, mas também para cento e cinco monjas e numerosos visitantes. Ao mesmo tempo, eles formaram uma rica

biblioteca e podiam receber, em Condat, uma educação completa. A constituição de uma biblioteca, àquela época, requeria enormes somas de dinheiro. Mas os monges arcavam também com longas viagens e produtos que não podiam cultivar na região. Os recursos para tanto não provinham somente do trabalho manual. Os monges souberam explorar as possibilidades oferecidas pelo ambiente e, através da tecnologia, maximizaram o próprio trabalho, buscando, assim, superar os limites impostos pelas condições do território. Mas eles precisavam de dinheiro e as plantações, transcorridos os primeiros anos de fartura após a fundação de Laucone, tornaram-se progressivamente mais limitadas. Foi então necessário encontrar um rico patrono que socorresse economicamente o monastério. Em provavelmente em 467, Lupicino obteve um subsídio de Chilperico, mas os monges já deviam contar com as doações dos visitantes.

Referências

ALCIATI, R. *Monaci, vescovi e scuola nella Gallia tardoantica*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2009.

AMORY, P. Names, Ethnic Identity, and Community in Fifth- and Sixth-Century Burgundy. *Viator*, v. 25, p. 1-30, 1994.

ÁVITO. *Epístolas*. In: PEIPER, R. *Alcimi Ecdicii Auiti Viennensis episcopi operae quae supersunt*. Monumenta Germaniae Historica, Auctores antiquissimi 6.2. Berlim: Apud Weidmannos, 1883, p. 29-103.

BLOCH, M. Avènement et conquêtes du moulin à eau. *Annales d'histoire économique et sociale*, v. 36, p. 538-563, 1935.

BRUN, J.-P. L'oléiculture et la viticulture antiques en Gaule: instruments et installations de production. In: AMOURETTI, M.-C.; BRUN, J.-P. *La production du vin et de l'huile en Méditerranée*. Oil and Wine Production in the Mediterranean Area. Atenas; Paris: École française d'Athènes, 1993, p. 307-341.

BRUN, J.-P.; BORRÉANI, M.; GUENDON, J.-L. Deux moulins hydrauliques du haut-empire romain en Narbonnaise: *villae* des Mesclans à La Crau et de Saint-Pierre. Les Laurons aux Arcs (Var). *Gallia*, v. 55, p. 279-326, 1998.

BULLY, S. Archéologie des monastères du premier millénaire dans le Centre-Est de la France. Conditions d'implantation et de diffusion, topographie historique et organisation. *Bulletin du Centre d'Études Médiévales d'Auxerre*, v. 13, p. 257-290, 2009.

COURCELLE, P. *Les lettres grecques en Occident de Macrobe à Cassiodore*. Paris: E. de Boccard, 1948.

DE VOGÜÉ, A. *Histoire littéraire du mouvement monastique dans l'Antiquité*. Sulpice Sévère et Paulin de Nole (393-409), Jérôme, homéliste et traducteur des "Pachomiana". Paris: Les Éditions du

Cerf, 1997. v. 4.

DE VOGÜÉ, A. *Histoire littéraire du mouvement monastique dans l'Antiquité*. De la Vie des Pères du Jura aux œuvres de Césaire d'Arles (500-542). Paris: Les Éditions du Cerf, 2003. v. 8.

DE VOGÜÉ, A. *Les règles des saints Pères*. Trois règles de Lérins au V^e siècle. Introduction, texte, traduction et notes. Paris: Les Éditions du Cerf, 1982. v. 1.

DIEM, A. Who is Allowed to Pray for the King? Saint-Maurice d'Agaune and the Creation of a Burgundian Identity. In: POHL, W.; HEYDEMANN, G. *Post-Roman Transitions: Christian and Barbarian Identities in the Early Medieval West*. Turnhout: Brepols, 2013, p. 47-88.

DUBREUCQ, A.; LAURANSON-ROSAZ, C. De l'ermitage au monastère: aux origines de l'espace monastique en Gaule à partir de deux exemples: Bourgondie et l'Auvergne (fin V^e-début VIII^e siècle). *Hortus Artium Medievalium*, v. 9, p. 279-294, 2003.

DUCHESNE, L. La Vie des Pères du Jura. *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, v. 18, 1898, p. 3-16.

FAVROD, J. *Histoire politique du royaume burgonde (443-534)*. Lausanne: Société Académique Vaudoise, 1997.

FONTAINE, J. *Sulpice Sévère*. Vie de saint Martin. Introduction, texte et traduction. Paris: Les Éditions du Cerf, 1967-1969. 3v.

GOODRICH, R. J. *Contextualizing Cassian: Aristocrats, Asceticism, and Reformation in Fifth-Century Gaul*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GREGÓRIO. *Vida dos Padres*. In: KRUSCH, B. *Gregorii episcopi Turonensis miracula et opera minora*. Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Merovingicarum 2. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 211-294.

GRIFFE, É. *La Gaule chrétienne à l'époque romaine*. L'Église des Gaules au V^e siècle. Paris; Toulouse: Éditions A. et J. Picard; Institut Catholique, 1957. v. 2.

JAMES, E. Archaeology and the Merovingian Monastery. In: CLARKE, H. B.; BRENNAN, M. *Columbanus and Merovingian Monasticism*. Oxford: BAR, 1981, p. 33-55.

LORANS, É. Aux origines du monastère de Marmoutier: le témoignage de l'archéologie. *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, v. 119, p. 177-203, 2012.

MARTINE, F. *Vie des Pères du Jura*. Introduction, texte critique, lexique, traduction et notes. Paris: Les Éditions du Cerf, 1968.

MASAI, F. La "Vita patrum iurensium" et les débuts du monachisme à Saint-Maurice d'Agaune. In: AUTENRIETH, J.; BRUNHÖLZL, F. *Festschrift Bernhard Bischoff zuseinem 65. Geburtstag dargebracht von Freunden, Kollegen und Schülern*. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1971, p. 43-69.

MATHISEN, R. W. *Roman Aristocrats in Barbarian Gaul: Strategies for Survival in an Age of Transition*. Austin: University of Texas Press, 1993.

MORDEFROID, J.-L. Quel désert pour les Pères du Jura? Résultats du sondage archéologique

- effectué dans la cathédrale en avril 1990. In: LACROIX, P.; RENON, A.; VERGNOLLE, E. *Pensée, image et communication en Europe médiévale: à propos des stalles de Saint-Claude*. Colloque international, Saint-Claude, Lons-le-Saunier, 24-26 sep. 1990. Besançon: Asprodic, 1993, p. 3-10.
- MOYSE, G. Les origines du monachisme dans le diocèse de Besançon (V^e-X^e siècles). *Bibliothèque de l'École des Chartes*, v. 131, p. 21-104, 1973.
- NOUAILHAT, R. *Saints et patrons: les premiers moines de Lérins*. Paris: Les Belles Lettres, 1988.
- PLÍNIO. *História natural*. In: ANDRÉ, J. *Pline l'Ancien, Histoire naturelle, Livre XIV*. Paris: Les Belles Lettres, 1958.
- PRICOCO, S. *L'isola dei santi: il cenobio di Lerino e le origini del monachesimo gallico*. Roma: Edizioni dell'Ateneo & Bizzarri, 1978.
- QUACQUARELLI, A. *Lavoro e ascesi nel monachesimo prebenedettino del IV e V secolo*. Bari: Istituto di Letteratura Cristiana Antica, 1982.
- REGRA DE MACÁRIO. In: DE VOGÜÉ, A. *Les règles des saints Pères. Trois règles de Lérins au V^e siècle*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1982. v. 1, p. 285-389.
- ROBERT, U. *Catalogi Abbatum S. Eugendi Iurensis*. In: WAITZ, G. *Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum* 13. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 743-746.
- ROTHÉ, M.-P. *Carte archéologique de la Gaule. Le Jura*. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2001. v. 39.
- ROUSSEAU, P. *Ascetics, Authority, and the Church in the Age of Jerome and Cassian*. 2 ed. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2010.
- SHANZER, D.; WOOD, I. N. *Avitus Of Vienne: Selected Letters and Prose*. Translated with an introduction and notes. Liverpool: Liverpool University Press, 2002.
- SIDÔNIO APOLINÁRIO. *Epístolas*. In: LOYEN, A. *Sidoine Apollinaire, Correspondance, Livres I-V*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- VIDA DOS PADRES DO JURA. In: MARTINE, F. *Vie des Pères du Jura*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1968.
- VIVIAN, T.; VIVIAN, K.; RUSSELL, J. B. *The Life of the Jura Fathers*. Translated with an introduction. Kalamazoo-Spencer: Cistercian Publications, 1999.
- WILLIAMS, M. H. *The Monk and the Book: Jerome and the Making of Christian Scholarship*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- WOOD, I. N. A Prelude to Columbanus: the Monastic Achievement in the Burgundian Territories. In: CLARKE, H. B.; BRENNAN, M. *Columbanus and Merovingian Monasticism*. Oxford: BAR, 1981, p. 3-32.

Notas

¹ Condat é praticamente o único dos quais trata a *Vida dos Padres do Jura*. Laucone e La Balme são apenas mencionados. Condat passou de uma iniciativa individual, a de Romano, para uma comunidade cenobítica a partir da chegada de Lupicino e outros conversos. Apesar de os monges dormirem inicialmente em celas separadas – uma ao lado da outra (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 162) –, todos deviam obedecer ao abade, os ofícios litúrgicos eram comuns e os trabalhos eram realizados em prol da comunidade. Foi somente Eugendo que, após um incêndio que destruiu as celas, construiu um dormitório comum (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 170). Para a proeminência que o cenobitismo assumiu nos séculos IV e V, cf. ROUSSEAU, 2010, juntamente com os comentários à primeira edição. Ao que parece, Romano e Lupicino compuseram uma *Regra*. O anônimo (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 59) promete apresentá-la ao fim da *Vida de Eugendo*, mas o trecho (entre os §§ 174 e 175) perdeu-se. Em todo caso, a *Vida dos Padres do Jura* sugere que a fundação e o desenvolvimento dos três mosteiros ocorreram independentemente da autoridade episcopal.

² O nome de Mináusio aparece somente no catálogo abacial de Condat, que chegou até nós em duas versões. Remeto aqui àquela transmitida por um manuscrito do século XII, *Catalogiabbatum S. Eugendi Iurensis* (ROBERT, 1881). A duração do abaciato de Romano (100 anos), Mináusio (50 anos) e Eugendo (13 anos e 6 meses), todavia, é errada, e Lupicino é excluído da lista.

³ Foram encontrados *tegulae* e *imbrices* sobre um estrato de 10 a 15 cm de cinzas brancas. Sob este estrato havia ainda vestígios de cerâmica comum e uma fíbula produzida entre 70 e 170. Cf. MORDEFROID, 1993, p. 3-10; ROTHÉ, 2001, p. 631-633.

⁴ *Xenodochium* (do grego *xenodochéion*) indicava um edifício para acolher estrangeiros ou um hospital. O anônimo emprega o termo para identificar o edifício que, em Condat, abrigava os monges e os peregrinos.

⁵ Dubreucq e Lauranson-Rosaz (2003, p. 284) supõem que *cenacula* signifique refeitório. Martine (1968, p. 415) traduz a palavra por *étage* e Vivian, Vivian e Russell (1999, p. 176) por *second-storyrooms*. Concordo com Vivian, Vivian e Russell: o plural sugere-me salas ou quartos superiores.

⁶ O anônimo, na *Vida dos Padres do Jura* (1968, 5), afirma que Romano “não era muito instruído nas letras”. Mas temos aqui um *topos* literário. Os paralelos desta passagem com a *Vida de Antônio* são claros. O anônimo, de fato, recorreu diversas vezes à *Vida de Antônio* para escrever o início da *Vida de Romano* e, no capítulo 12, qualificou Romano como *imitator Antonii*. Já Gregório, na sua *Vida dos Padres* (1885, 1.1), afirma que Lupicino era instruído nas letras.

⁷ Masai (1971, p. 57) pensou em dedicar um estudo sucessivo ao autor da *Vida dos Padres do Jura*, “cujo anonimato”, em sua opinião, “não parece ser tão difícil de descobrir”. Masai, contudo, não o fez, tendo deixado o nome de Vivenciolo apenas subentendido. O primeiro a sugerir-lo abertamente foi Moyse (1973, p. 44). Wood (1981, p. 27-28) e De Vogüé (2003, v. 8, p. 123-126) estão de acordo. Confira, também, Shanzer e Wood (2002, p. 267-268), que propõem que o destinatário das cartas 19, 57, 59, 67, 68, 69 e 73, de Ávito, era a mesma pessoa, ou seja, Vivenciolo.

⁸ Brun (1993, p. 307-341) insiste na produção essencialmente provençal de azeite até o fim da Antiguidade.

⁹ A proximidade de Condat a vias de comunicação pode ser deduzida da *Vida dos Padres do Jura* (1968, 9, 12, 153). Wood (1981, p. 5) foi o primeiro a chamar a atenção para este fato, que foi confirmado por prospecções arqueológicas recentes. Cf. ROTHÉ, 2001, p. 82-88, 631.

¹⁰ Para os vestígios de monumentos, *uillae* e habitações nas proximidades de Saint-Claude, cf. MORDEFROID, 1993, p. 8; BULLY, 2009, p. 257-290. O próprio anônimo conta que Romano se retirou próximo a sua *uilla* (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 5).

¹¹ *Pisas*, palavra rara e de sentido obscuro, é a lição transmitida pelos três manuscritos conhecidos da *Vida dos Padres do Jura* e é aceita por Martine. Os bolandistas e Bruno Krusch corrigiram-na por *piscinas*. Aceito aqui a lição e o significado proposto por Martine. Porém, não podemos esquecer que Gregório (1885, 1.3), ao falar dos monges glutões (com detalhes diferentes da narrativa do anônimo), afirma que Lupicino, ao chegar um dia ao mosteiro na *Alamannia*, ao meio-dia, viu “[...] diuersorum ferculorum apparatus magnum piscium que multitudine madgregata [...]”. Se o que o abade viu está correto (situando o evento, obviamente, em Condat), então *piscinas* pode ser a lição correta.

¹² Para a difusão dos moinhos hidráulicos na Antiguidade, cf. o artigo clássico de Bloch (1935, p. 538-563) e o estudo mais recente de Brun, Borréani e Guendon (1998, p. 279-326).

¹³ Martine (1968, p. 333) traduz a palavra por *métiers*, e Vivian, Vivian e Russell (1999, p. 142) por *work*. De Vogüé (2003, v. 8, p. 78-79) refere-se a *artificium* como *travail artisanal*. Nenhum dos autores, porém, justifica a própria tradução.

¹⁴ Moyse (1973, p. 64) já havia notado, a partir desta mesma carta de Ávito, que os monges de Condat dedicavam-se a trabalhos artesanais.

¹⁵ A interpretação de Martine (1968, p. 336-337) e Amory (1994, p. 10) com relação à origem do dito opressor parece-me a mais coerente. Courcelle (1948, p. 138), Griffe (1957, v. 2, p. 96) e Mathisen (1993, p. 123) supõem que ele fosse, diversamente, um senhor burgúndio, enquanto De Vogüé (2003, v. 8, p. 79) considera-o, de modo mais geral, um *dignitaire de la cour*.

¹⁶ Na *Vida dos Padres do Jura* (1968, 35), os monges glutões são *cothurno sitate superbos* e, na *Vida dos Padres* (GREGÓRIO, 1885, 1.3) aparecem como *cotorno siatque elati*. Martine nota que a estrutura de ambas as obras é semelhante: aumento do número de monges, necessidade de expandir, papel de Romano e Lupicino no governo dos mosteiros, comparação do caráter dos irmãos. De fato, Gregório conta, com menos detalhes do que o anônimo, mas,

em geral, sem contradizê-lo, que Romano e Lupicino, no início, comiam apenas raízes de ervas e que, com a chegada de discípulos, desflorestaram os terrenos e iniciaram as plantações. O anônimo e Gregório, além disso, enfatizam as numerosas curas operadas pelos irmãos. Martine propõe que Gregório tenha utilizado “un abrégé, très pauvre et très infidèle, de la *V. P. J.*”, ou que ambos os autores dependam de “quelque notice ancienne, très succincte, sur les deux fondateurs”. Penso que um compêndio da *Vida dos Padres do Jura* seja pouco provável. A obra precisaria ter sido bastante difundida, mas os raros manuscritos antigos conhecidos (apenas três) indicam justamente o contrário. Por isto, a segunda hipótese de Martine parece-me muito mais provável.

¹⁷ O anônimo não menciona doações patrimoniais de conversos aos monastérios do Jura. Se elas ocorreram, não foram suficientes para garantir a subsistência dos monges. Caso contrário, Lupicino não precisaria ter pedido um auxílio a Chilperico.

¹⁸ Como aponta Masai (1971), a *Vida dos Padres do Jura* foi escrita para a comunidade ou as comunidades que existiam ao redor do santuário antes da fundação de Sigismundo, em 515. Portanto, a obra, diferentemente de quanto sugere Diem (2013, p. 57-63), não podia ser um modelo alternativo ao monastério de Saint-Maurice d’Agaune.

¹⁹ Outros objetivos do anônimo eram, como aponta Martine (1968, p. 49, 67, 88-89, 110), ressaltar a santidade dos Padres fundadores e de seus seguidores, apresentar as adaptações que os Padres promoveram às instituições orientais e criticar a situação contemporânea elogiando o passado.

²⁰ Para o modo como Cassiano, em particular, concebe o trabalho manual. Cf. GOODRICH, 2007, p. 198-200.

²¹ Cf. nota 3 acima. O anônimo dá vagas indicações acerca do antecessor de Eugendo (VIDA DOS PADRES DO JURA, 1968, 111, 132).

Matheus Coutinho Figuinha. Doutor em História Antiga e Filologia Clássica pela Scuola Normale Superiore de Pisa, Itália, e Pós-doutorando, sob a supervisão do Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello, pela Universidade de São Paulo (USP). Departamento de História – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Universidade de São Paulo (USP) – Av. Professor Lineu Prestes 338, Cidade Universitária, Butantã, CEP: 05508-900, São Paulo/SP. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Recebido em 05/03/2015

Aprovado em 22/05/2015